



# Gaiato

3 DE AGOSTO DE 1974  
ANO XXXI — N.º 793 — Preço 2\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

## Nota da Quinzena

Venho da cidade e sinto-me aturdido com as andanças por lá. As correrias dos carros e das pessoas; o ruído dos escapes e das travagens; o silvo enervante dos aviões; a compressão das pessoas nas ruas e nos transportes; a ansiedade e cansaça que seus rostos não escondem — toda esta amálgama de coisas características

da vida na cidade me tornam difícil reflectir no que vim fazer e me sugerem o salmo 126: «Se o Senhor não construir a casa, em vão trabalham os que a constroem. Se o Senhor não guarda a cidade, em vão vigiam os sentinelas».

Será que os homens pensam assim?!

Ora eu fui a Lisboa por mor

de uma herança, que não por amor dela. Fui dizer não; e vi como toda a gente se espantou e me olhou interrogativa. «Louco...» — me pareceu ler em certos olhares!

Ao quinhão que nos cabia, renunciámos em favor de outra Obra de Assistência a Rapazes da espécie dos nossos — uma Obra socialmente válida, que se empenha em construir homens e não em acumular bens e, por isso, também **menina dos olhos do Pai Celeste**.

É que a nós, Igreja de Cristo, — nas suas células vivenciais do Evangelho — compete-nos viver uma Pobreza heróica, revolucionária. A autêntica Pobreza evangélica é sinal do Reino de Deus. E Este uma revolução — revolução do homem dentro de si, com projecção na História. Pobreza que não é resignada nem fatalista, mas dinâmica e dinamizadora, porque gera e renova bens interiores, espirituais. Pobreza que coloca o homem enamorado dela na pista essencial da partilha com o seu Próximo, a quem sempre se deve, senão pela justiça dos homens, por aquela suprema Lei de Deus, que é o amor.

Padre Abraão

Um belo recanto da Casa do Gaiato de Lisboa — Tojal (Loures)



Se não fosse o interesse com que acompanhais a nossa vida, não tinha coragem de escrever estas notas. Se elas não fossem escritas com o sangue daqueles a quem servimos, não teriam valor algum. Se não fossem o eco da voz dos que nos procuram, seriam mentira.

Entrei, há dias, na casa mortuária do nosso hospital, para uns momentos de companhia a um corpo, cuja vida fora roubada, momentos antes, num acidente. Vários corpos de crianças jaziam em cima das mesas, embrulhadas, em lençóis, em cobertores e dois no seu caixão. Sinal de que tinham chegado ali há pouco tempo.

Fiquei triste. Antes de chegar à casa mortuária, atravessei a Massangarala e o Tchioge. Falar em Massangarala, Tchioge, Cotel e outros lugares semelhantes é tocar numa ferida muito grave do nosso corpo sócio. Estes bairros sub-urbanos, assim se

Por

Padre Manuel António

chamam estes sítios, feitos de cubatas, de lixo, de miséria, não são lugares de vida. São cemitérios de vivos. Aqueles corpos inocentes que fui encontrar sem vida são testemunhas de acusação contra os membros de uma sociedade que, pertencendo ao mesmo corpo, vivem indiferentes ou, quando muito se lamentam desta situação e por aí se ficam. Temos que dar contas do que guardamos para nós e não nos pertence. Ninguém conseguirá calar a voz dos inocentes, vítimas da injustiça.

Ali perto mora a Rita. Mandou-me um recado urgente e fui. A Rita é uma viúva que ficou com 4 filhos e mora num quarto onde comem e dormem todos. Queria dizer-me que ia para a rua se não arranjasse dinheiro para alugar outra casa com dois quartos pelo menos. Deitei em suas mãos do que tinha recebido pouco antes e regressi a casa.

Estava à minha espera a Maria Gueve, do bairro da Fronteira. É outra viúva que ficou com seis filhos ainda pequenos. Que quer? «Não tenho que comer.» Levou do pouco que temos neste momento, para repartir e prometeu voltar quando se acabasse.

Falar-vos das contas deste nosso rosário seria longo. Temos outras contas em atraso. Estas são mais urgentes. Quem dera nos acompanhásseis nestes passos dolorosos! Já batemos à porta de alguns homens de dinheiro, mas o silêncio foi a resposta. Vamos insistir por amor deles, «oportuna e importunamente».

## HABITAÇÃO

### — PROBLEMA PRIMEIRO

Uma nota sempre chocante na realização de planos habitacionais é a costumada segregação classista: bairros de gente endinheirada, bairros para a classe média e deles para Pobres.

Voltando ao activismo — oxalá sempre equilibrado e pacífico — dos moradores das «Curreleiras» e dos «Barredos», uma aspiração justa é a de que o seu problema habitacional seja solucionado ali, onde se habituaram a morar em condições degradantes, que eles próprios querem redimir por uma outra forma de viver digna de pessoas. E porque não há-de ser ali? Ainda que aqueles terrenos sejam hoje zona relativamente central nas urbes em constante expansão — não foram eles durante tantos anos terra desaproveitada pela urbanização, sede de uma gangrena

que deverá ter envergonhado e deveria ter motivado prioritariamente os urbanistas?

De resto, uma solução que não seja *ad hoc*, é sempre meia solução, porquanto às rendas, mesmo módicas, que se viessem a praticar mais longe, haveria de juntar-se a renda dos transportes para os locais de trabalho — o que atraiçoa a modicidade pretendida. Este é um grande engano em que se tem caído e que sai do corpo (com variados prejuízos e quase nula utilidade) dos trabalhadores.

Não vou alhures para justificar. Basta considerar a falange numerosa dos que desta região rural quotidianamente se deslocam ao Porto para ganhar o pão. Para os que têm casa sua, o sacrifício ainda tem uma compensação: ausência de renda e a alegria de um telhado próprio. Mas os que têm de pa-

gar a casa, já a não encontram capaz, por muito menos do conto mensal. Acrescentemos-lhe o preço do comboio; e não consideremos as saídas de madrugada e o regresso a casa à hora de dormir, apenas como um esforço do que vai, mas vejamos também a participação dos familiares, privados do convívio durante toda a semana: pais e filhos que só se vêem ao sábado e domingo, com os inconvenientes evidentes deste divórcio.

O problema dos transportes urbanos e sub-urbanos anda, pois, intimamente ligado com os das rendas de casa. E já que não podem todos morar ao lado do trabalho, há que considerá-los em conexão.

Cont. na QUARTA página



# Adopção

Mais uma carta chegou. Não é todos os dias nem todas as semanas que elas surgem, mas há aí um lote delas com pedido semelhante: «Não temos filhos, o que muito nos desgosta. Por isso gostaríamos de adoptar um menino (outros uma menina) de pouca idade, se possível, de meses. Saberão de algum? Poderiam indicar-me a quem me dirigir neste sentido?»

E nós passamos palavra... mas tem sido em vão.

Na verdade não é fácil encontrar uma criança tão sem ninguém que possa entregar-se à primeira pessoa de boa vontade e credenciada que aparecer.

A figura jurídica da Adopção é recente entre nós. Data do novo Código Civil. Antes, a forma de entrega de uma criança abandonada a uma família idónea era sempre precária e sujeita a risco de chantagem de um parente que viesse a aparecer mais tarde...

A Adopção legal é uma forma definitiva e segura que foi legislada justamente pela possibilidade de resposta a situações de crianças, sem família de sangue ou sem família capaz, que assim entram noutra com todas ou quase todas as garantias dos filhos e herdeiros.

Creio que o desconhecimento das possibilidades que a Adopção oferece está na base deste desencontro entre necessidades autênticas de crianças que a Adopção remediaria e a vontade de adoptar da parte de casais sem filhos, ou que, tendo-os, se acham capazes de ainda receber mais um.

Aqui fica, pois, esta palavra de alerta aos nossos leitores, que estejam em condições de favorecer este encontro.

Foi na sala de expedição de «O Gaiato»; escritório, ainda, da tipografia. Barulho ensurdecedor! Intenso movimento: maços de jornais endereçados à máquina — comandada pelo «Eusébio»; deles amarrados por Sabino, «João Ratão», «Rouxinol», «Campanera» e outros, para diversas terras do mundo português e comunidades lusas espalhadas pelos quatro continentes.

Do Porto, chega um que fora — é! — nosso. Sim, é. Para todos aquele pretérito deveria situar-nos só pelo domicílio, não pelo estado d'alma. Porque a separação — como naturalmente sucede em nossa Obra — jamais deveria ser rompimento, parcial ou total.

Não vamos, agora, alinhar os comos e os porquês de rompimentos. Dariam pano para mangas! Sejam por crises inevitáveis na Juventude; sejam por negócio dos próprios familiares; sejam por falta de consciencialização ou de receptividade da mística que deveria enformar quantos temos ou ou tivemos a felicidade de nos acolher sob o tecto da nossa Obra — dada a infelicidade de haveremos sido mais ou menos marginalizados, por carências d'ordem familiar, social, económica...

Assunto que daria pano para mangas!

Ele chegou. Cumprimentou. Sentou-se a nosso lado. Conversou de irmão para irmão.

Aquele ar de crise, de palermice doutros tempos dobrou o Cabo das Tormentas! O riso, a fala, os conceitos de vida emergem com uma naturalidade salutar.

Primeiro, o trabalho. A sua formação e consciencialização profissional. A defesa de direitos inalienáveis. A maturidade da escolha do delegado sindical da sua oficina: «Escolhemos um colega isento; um equi-

# BARREDO

## ● «No meio da porcaria também nascem flores...»

librado defensor dos nossos direitos».

Depois, exulta com a farta carteira de encomendas na empresa: «Temos sempre muito trabalho, graças a Deus!»

Por fim, a sua vida familiar: «Estou a viver com os meus padrinhos. Não passo cartão ao meu pai...»

— Onde moras?

— Na Bainharia (Porto).

A Bainharia — quem for do Porto ou tiver lido «O Barredo», sabe — é das zonas mais negras do velho burgo tripeiro.

— Eu e o meu padrinho não queremos viver lá...

Começa a abrir o leque da miséria do meio ambiente: os lupanares; proxenetas, «chulos» e meretrizes; famílias sobrepostas ou empilhadas; albergarias; guerrilhas noite e dia — o esgoto da cidade.

Continua:

— Nós temos possibilidades de mudar p'ra outro lado. Só eles os dois, a minha madrinha e o meu padrinho, ganham contos de réis por mês!

— Então, porque não mudam de casa?!

Entramos, talvez, na parte mais substancial da história, do bate-papo:

— Olhe, ela casou aos 14 anos. Tem 33. Está por lá a viver há cerca de dez anos. Praticamente nasceram lá os meus primos.

— Ela que faz?...

— É bordadeira, costureira e vende roupa; além do trabalho de casa. Olhe, toda a gente gosta da minha madrinha — por ser uma mulher equilibrada. E ajuda os Pobres!

— Como?!

— Quando lhe aparecem alguns retalhos (e não só...), faz peças e oferece a vizinhas que precisam. Veja lá: há dias ofereceu roupa a uma que lhe deve contos de réis!

— Mas, afinal, porque não mudam de casa?!, insisto.

— Por causa disto mesmo. Sabe a resposta que dá quando eu e meu padrinho ralhamos por a gente viver ali?: «No meio da porcaria também nascem flores!»...

Olha para mim suspenso. Ar muito sério. Esmagado! E repete mais pausadamente: «Ela

diz que no meio da porcaria também nascem flores!»...

Baixa a cabeça. E levanta-se do banco, num suspiro.

Estremeci. Fiquei sufocado. «No meio da porcaria também nascem flores!»... Quisesse Deus ter permitido que Pai Américo visse, ouvisse e contasse — escrevendo.

Ele há realmente forças para as quais a razão não conta — porque transcendentais; para além do precário conhecimento ou sabedoria dos homens.

No Barredo é assim!

Júlio Mendes

## Notas do momento

● Chegou o correio. Nele duas cartas com um carimbo de S. R. e dentro delas circulares de um agrupamento de estudantes de Liceu, dando conta de reuniões, umas com representatividade, outras sem ela, nas quais se trataram magnos problemas de salvação pública.

Muito bem. Duvidamos de qual o critério objectivo de representatividade, de tanto a vemos discutida; e ignoramos quem arbitra em tal matéria. É tempo de geral sabença e de inflação de iluminados. Esperemos que de tanta discussão saia alguma luz.

O que nós supúnhamos é que o uso do S. R., com dispensa de franquia postal, era um direito muito reservado aos órgãos estatais. Estamos vendo que não; que qualquer grupinho, assumindo serviço da República, se pode arrogar, com honra e proveito, o direito a esse privilégio. Sendo assim, fico a pensar se não é chegada também para nós a hora de reivindicarmos o acesso a tal poupança. Além de outros serviços à Coisa Pública, nestes 34 anos de existência, também contribuimos para a animação dos Correios com largos contos de réis em cada mês. E já que o subsídio oficial recebido ao longo destes anos mal chega para cobrir esta rubrica de despesas, seria um modo de, sem mais dispêndio, no-lo aumentar — face a novos encargos que, sem ninguém perguntar se possíveis, nos são impostos.

Poderia ser?... Não custa nada. Em vez de carimbo, até nos é fácil imprimir com um nadinha mais de elegância gráfica o poupa-selos S. R.!

● Difícil está o papel. Sabemo-lo à saciedade do esforço feito, e a continuar, para não faltarmos aos nossos Leitores

com o jornal, tampouco com os livros de Pai Américo. Aproveitando umas resmas daqui, outras d'acolá, realizamos o maior investimento de sempre neste sector, à custa — é evidente — da expansão noutros sectores de actividade.

Não percebemos, pois, a proliferação de publicações, que se verifica. Doi-nos o gasto de tanto papel ao serviço da incultura e da desmoralização do Povo. Espanta-nos a indiscreção de anúncios de páginas inteiras escravizadas à publicidade de Empresas que, por si mesmas se imporão, se ainda se não impuseram — ao estilo de uma sociedade de consumo que parece bem ultrapassada já pelos acontecimentos mundiais.

Neste ponto, não terá a Liberdade também a sua lei?!

● Pensávamos que a Comunicação Social, na sua missão informativa, era a arte de relatar autenticamente os factos. E na sua missão formativa, a de os reflectir na óptica da formação própria de cada órgão. Dessa reflexão havia de nascer juízos que conteriam um prever e um prevenir de possíveis amanhã.

Os acontecimentos tónicos dos últimos dias na vida social portuguesa, puseram em evidência uma dose insana de sensacionalismo, uma ânsia incontida de vedetismo, que enforma ainda a Informação.

As coisas sérias, como a vida, começam a gerar-se no segredo e requerem silêncio e respeito até ao fim. A curiosidade de saber se é rapaz ou rapariga não apressa o dia de dar à luz.

Informar autenticamente a tempo e horas é uma coisa muito séria. Rasteirar as pessoas no entretenimento de to-bololas cuja chave, a seu tempo, será mesmo conhecida — é bisbilhotice.

# Aqui, Lisboa!

Confrange-nos a onda de imoralidade que grassa por toda a parte, em que até os mais responsáveis parecem demitir-se das suas responsabilidades, por medo ou falsos respeitos humanos, por comodismo ou falta de coragem. As vezes ouvimos a interrogação sobre se valerá a pena lutar pela sobrevivência e encarnação dos autênticos Valores ante o mar caudaloso da corrupção que tudo e a todos procura submergir. Um certo fatalismo instala-se na mente das pes-

soas, levando a considerar como natural tudo o que acontece e, pior do que isso, a deixar cair os braços, numa atitude de conformidade arripiante, como se não houvesse obrigação de lutar, sempre e até ao fim, dentro de nós próprios e contra o que nos assalta de fora, mau grado os insucessos e as fraquezas de cada um.

Quem passar os olhos pelos jornais encontrará sinais externos evidentes do desregramento acima apontado, com o seu cortejo de crimes, assaltos, roubos e desajustamentos das regras salutaras de bom convívio social, apanágio das sociedades civilizadas. Confrange-nos em particular que, no acréscimo de criminalidade, tenham grande peso os jovens, os adultos de amanhã. A nossa porta continuam a bater pais e familiares aflitos, buscando soluções ou conselhos eficazes para problemas que os afligem, de cujas raízes são, não raro, os primeiros culpados e que

não sabemos ou podemos resolver.

Sendo, embora, dramática a hora que atravessamos, não há razões, porém, para se perder a esperança. Se soubermos opor um dique forte, bem alcerçado n'Aquele que disse ter vencido o mundo, as águas impetuosas do mal acabarão por ser contidas e raiará a aurora por que todos ansiamos do bom senso e do respeito mútuos. O que importa é que não nos deixemos sossobrar e façamos uma chamada real e efectiva às energias de que dispomos, abandonando as atitudes de conformismo ou de egoísmo feroz que tantas vezes nos imobilizam. Nunca como hoje foi tão necessário dar testemunho de vida e procurar a coerência de atitudes. Se somos homens de fé não duvidemos do êxito da luta, mas não esperemos que outros venham substituir-nos no que nos compete.

Padre Luiz

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE





# Palas Casas do Gaiato

## Benguela

Caríssimos leitores, tem esta o fim de vos dar a conhecer um dos vários sectores da nossa Aldeia:

**PINTOS** — É o tema em causa. Para além dos porcos que temos e que nos dão a carne, temos também as vacas que nos dão o leite. (Até parece que estou a fazer uma redacção da instrução primária!) Deu-nos na real gana dedicarmo-nos à criação de pintos. Daí temos duplo proveito, porquanto deles vendemos e comemos.

Temos também os ovos que são ricos em calorias, de que os nossos rapazes muito precisam e apreciam.

Para nos dedicarmos à criação de pintos, temos necessidade de alguém que nos compre com uma certa assiduidade. Assim poderemos ter, não só galinhas com um certo peso, como também frangos para os não apreciados churrascos.

Logo que os nossos leitores se passem a interessar pelos nossos frangos e a dar preferência aos mesmos, mais entusiasmados vamos ficando e com vontade de continuarmos neste campo.

Não pretendemos fazer publicidade aos nossos frangos, se bem que fosse essa a ideia inicial. Até porque os nossos frangos e as nossas galinhas, devido às suas características, não precisam de publicidade.

Queremos simplesmente dar-vos a conhecer que também possuímos estas aves de tão apreciada carne.

O nosso P.e Manuel está tão entusiasmado com os pintos que passa boa parte das suas horas de volta deles.

Portanto, se alguma vez o quiserdes encontrar, já sabeis o local da sua preferência.

Não restam dúvidas que há necessidade de nos lançarmos na criação de pintos. Se não, vejam por que preço está a carne! Dizei agora se poderíamos lá chegar? Assim temos carne da casa.

Procuram-nos, procurando as nossas galinhas.

Ficamos a aguardar a vossa oferta. Apareçam quando quiserem. Comecem por dar preferência aos nossos frangos e galinhas que nós cá estamos para vos servir com toda a delicadeza. Especulação e inflação são palavras que nós não usamos.

Para todos um abraço dos Gaiatos de Benguela.

Barradas

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

**ALCOOLISMO** — Teve uma infância e juventude difíceis. Sofreu as carências do meio familiar e social. Depois, principiou a querer amadurecer. Casou. E especializou-se, na construção civil, como preparador ou assentador de ferragem em placas de betão. Trabalho, aliás, muito bem remunerado.

Andou por lá, em vários estaleiros: barragens, etc. Andou por lá e viciou-

-se no álcool. Ausência da família, velhos complexos, bolsa cheia, instigado por companheiros...? Difícil saber porquê. Esses factores, porém, são parte de um todo, parte importante do mal.

Como dissemos, recebia um bom ordenado. E era disputado pelos empregados, no mercado do trabalho. Até que, vítima do álcool, tombou de vez, regressando definitivamente à terra, praticamente inválido.

Um dia, já distante, fomos alertados pela miséria dele e dos seus. Acudimos; formulando, então, várias hipóteses e formas de solução. Primeiro, dar de comer àquela gente toda: pão, mercearia, etc.; tendo sido entretanto surpreendidos com uma insólita acção de despejo! Conseguimos outra casa, da qual somos fiadores-pagadores. Depois, remédio para o doente: Centro Psiquiátrico. Aqui, tudo rosas, eficácia; da gentilíssima assistente social ao próprio médico — sacerdotalmente debruçados, também, na cura de alcoólicos. Desvaneceu-nos o cuidado, tratando-se, como se trata, de serviço público. Por isso, sublinhamos o facto. Nem tudo são espinhos...

Foi internado, a primeira vez. No fim do tratamento, regressa. E o vicentino é visita assídua. Procura ajudar nos mais diversos problemas do dia-a-dia. Cruz muito difícil!

Agora, porém, caiu o Carmo e a Trindade! O homem descamba, novamente. Meteu-se nos copos. Piora. E, da noite para o dia, deixa a pobre mulher ensanguentada! Os vizinhos acodem. Requisitam a ambulância. Segue para o hospital. Claro, ele foi no dia seguinte. Mas tarde, infelizmente. O médico, no Centro, só presta assistência de manhã.

— Tivemos de o levar ao Porto, ao Hospital Magalhães Lemos. Foi tratado imediatamente. E volta ao Centro na próxima semana, para depois ser internado. Gastámos tanto dinheiro na viagem! — suspira quem o acompanhou.

— Não se aflija! Hoje mesmo, do Porto, recebemos um cheque de 2.500\$00 de um leitor sempre atento aos nossos apelos. «O cheque vai com a intenção de ser para a Conferência de Paço de Sousa — que se queixa de penúria» — disse.

— Deus acode na hora própria!

O doente voltou ao Centro, como fora estabelecido. Mas não queria, como é natural. No fim de contas, porém, depois de muito esforço, acedeu. Ficou em Travanca. E Deus permita que, depois da cura, não volte mais.

**RECEBEMOS** — Da assinante 6790, «50\$00 para a família mais necessitada da Conferência Vicentina». E mais adiante sublinha: *Que Deus ajude a Obra na sua missão e o Jornal na transmissão da palavra do Evangelho e da autêntica caridade cristã, cheia de amor.*

Aí vem a «ínfima gotinha correspondente ao mês de Julho — 5\$00. Ainda não pode ser aumentada, como eu tanto desejo!» E acrescenta: «O caruncho cada vez me invalida mais; e não há meio de receber ajuda através da Casa do Povo — por mais que o médico explique que estou inutilizada, sem cura possível...»!!

Utilíssimas remessas: uma de Sabrosa (Fermentões); outra de algu-

res «para crianças protegidas pela Conferência»; outra de Beja; e mais outra de Lisboa.

Mais 50\$00 de um Médico muito amigo. O mesmo do Porto; «ficará no anonimato — basta que Deus saiba». De Louro (V. N. Famalicão) o «excedente do pagamento da assinatura do Jornal. É pouco mas é de boa vontade». Mais 100\$00 de Lisboa, Bairro Presidente Carmona. Idem, rua Alexandre Herculano. Idem, de Meschede (Alemanha): «Um pouco do meu pouco para os meus irmãos mais Pobres».

Por intermédio do Espelho da Moda, esta presença:

«Junto envio 20\$00 para a Conferência e esses medicamentos — se fizerem jeito. É pouco, mas é de boa vontade, pois sou pobre.»

E mais esta:

«Remeto 50\$ última metade duma promessa feita há já algum tempo.

Peço aos nossos Irmãos mais pobres de bens materiais mas, sem dúvida, mais ricos do que eu em bens espirituais, uma prece por um tio que se encontra muito mal. Uma professora primária.»

Mais o costume de assinante 17740; 100\$00 de D. Adriana, entregues na Casa do Gaiato do Tojal; 250\$00 da Póvoa de Santo Adrião; 50\$ de Contumil — «dádiva do coração» — cuja nota queima!

Finalmente, os 600\$00 do costume e a legenda que nos traz sempre luz da Luz:

«Na fraternidade habitual pago a minha partilha com os irmãos da Conferência.

Uma assinante do Seixal.»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Calvário

**CUSTA A CRER** — Não duvido das tendências que todos temos para as respostas mais ou menos fáceis para soluções pensadas ou improvisadas.

Para muitos de nós nada há mais doloroso do que sermos levados a pensar. É uma tendência para a fraqueza de espíritos demasiadamente crédulos? Em muitos sentidos creio plenamente que sim. Porque muitas vezes vamos na «onda» de certas pessoas só porque têm «paleio» para encobrir os seus erros, invocando a verdade que chega a convencer. Mas não vence! Diz-se muitas vezes que de «boas intenções está o inferno cheio» porque as acções mereceram castigo; as «lindas» palavras ecoaram mas... não passaram disso. Apetecia-me tantas vezes apontar certas coisas concretas, mas as minhas palavras não convencem humildes quanto mais «senhores».

Isto vem a propósito de, entre outras coisas, expressar uma opinião. Poderá não convencer ninguém, mas, pelo menos, ficam a saber o que penso.

Embora eu não tenha, até hoje, assistido a qualquer comício disto ou daquilo, de que temos conhecimento através da rádio em especial; apesar de ouvirmos discursos integrais ou parciais em postos radiofónicos — nem sempre ficamos a saber o que se pretende concretamente. Mas como uma ideia fico ao ouvir e ao ver, algumas vezes, como tantas pessoas são levadas a desejar determinados produtos, só porque o eco das mais variadas formas publicitárias dizem que são os melhores, consoante a finalidade a que são destinados. Não será demasiada crença nas baladas hábeis e atraentes e nas formas como se processa a publicidade? Pois como disse não tenho assistido ainda a qualquer demonstração pública desse género; fico com a ideia de que todos esses motivos serão válidos se forem para construir uma sociedade aonde possamos viver como irmãos e não como seres procurando só o «eu», e os outros que se arranjam!... Porque há quem se exceda na tendência para a leitura de jornais ou revistas vendo e aceitando como verdade única, o

o que se escreve sob a aparência da verdade. E tantas outras formas que vão sacudindo os espíritos com semi-verdades. Já não falando em pre-conceitos fanáticos e factos vestidos com falsidade, embora adornados com a verdade. Nesta altura em que hoje se fala e escreve dos erros passados e se proclama a necessidade de se trilharem novos caminhos que conduzam à verdade, temos verificado que ainda nem se começou a esboçar tal. Porque as contradições continuam. Se as bases forem alicerçadas em liberalismos que levam a acreditar em tantas propagandas que nos trazem confusão, anarquia, não nos podem conduzir ao amor, paz e perdão.

Em todos os rostos se nota a preocupação deste tempo que todos dizem ser uma crise que tem os seus perigos e as suas oportunidades; tanto podem provocar a salvação como a ruína.

Custa a crer... — Haja senso e harmonia na construção.

Manuel Simões

## Património dos Pobres

«Rev.º Padre Manuel:

N. da R.:

Eu também já não tive casa, mas tenho-a agora, graças a Deus, ao cabo de bastantes anos de trabalho bravo.

Sou há muitos anos assinante de «O Gaiato» e, dentro da orientação pelo mesmo seguida no respeitante a casas para Pobres, venho expor-lhe uma ideia em que penso já há algum tempo:

Sou o assinante de número perto dos 15.000. Ora, como nem toda a gente pode dar para o Património dos Pobres grandes quantias, o que se compreende, julgo, porém, que todos poderíamos dar uma pequena quantia anual que valeria pelo número.

Assim, supondo que todos não fôssemos mais de 15.000, poderíamos dar anualmente e sem falhas, 20\$00, que totalizariam 300.000\$00, os quais, a 30.000\$00, dariam 10 casas.

Evidentemente que isto não «aposentaria» aqueles beneméritos que podem contribuir, e contribuem, com mais.

Este seria o grupo dos pequenos, dos que podem pouco, mas que podem privar-se de uma importância que já nem dá bem para 3 maços de cigarros. Uma verdadeira migalha...

E por falar nisto, creio que se podia constituir o que para o efeito se poderia chamar «A Caixa das Migalhas»...

Fica a ideia se entender que merece ser desenvolvida, e eu abro o activo com «cinco migalhas», que, não sendo assim, servirão para outro fim.

Com toda a consideração e que Deus nos ajude a todos...»

Nem esta ideia é nova, nem o signatário o único a renová-la. Ainda há dias, leitora de Alquerubim alvitava um grande plano a lançar em todas as paróquias de Portugal para a recolha de fundos destinados a esta «obra revolucionária e pacífica» de levantar casas para abater barracas. Claro que a ideia é simples e por isso difícil neste mundo que os homens complicam doentamente. Uma vitória há a considerar, graças a Deus: nunca se olhou para trás, desde que Paí Américo lançou mãos ao arado, nesta empresa de proporcionar casa para humanos aos homens que vivem como animais. Nunca se olhou para trás e por isso se não deixou de andar em frente. Nem nós sabemos bem avaliar o bem realizado, nem há que perder tempo nisso, sabido que é imensamente mais o que há para realizar.

Portanto, em torrente ou a «fio de água», que nunca se que esta fonte que nos dá voz para responder aos homens de boa vontade e com coragem para se ir dotando e ao País desse valor de base que é uma morada digna de pessoas.

E, embora esperando neles, não confiamos demais nos grandes planos — «vamos nós andando com quem anda».





A meu lado, dois reformados e um trabalhador no activo. Conversa animada. No veículo, janela aberta. Sintomático. Foi uma hora deliciosa!

— Empréstimo-me o jornal, se faz favor?

— Não é d'hoje...

— Obrigado.

Abro o periódico. Passo revista ao panorama, dentro e fora do País. Chavões, «manchetes», reportagens, publicidade; sei lá!

Termino a leitura. Dobro o periódico. Entrego e agradeço.

— Não tem de quê.

Resolvo então meditar, sem intervir, em certas opiniões disseminadas por aqueles homens do Povo:

— No meu tempo, para conseguir promoção, aquilo é que era estudar e trabalhar! E as **cunhas?!...**

Conflito de gerações? Não senhor. Continua:

— E a miséria dos ordenados?! Pior do que isso, o tra-

# Janela aberta

balho escravo... Olha, um dia, o inspector calha de me ver todo sujo, todo borrado, à volta de peças avariadas. «Então você quem é...?!» Tínhamos de nos desenrascar para servir o público, muitas vezes sem horas p'ra comer...

A análise dos postos de trabalho prossegue acaloradamente:

— A gente vê p'raí, agora, em postos da maior responsabilidade, homens novos, mas sem preparação, sem prática. A prática é que é. Cursos feitos à pressa são uma desgraça para a empresa, para o público.

Depois, como não podia deixar de ser — e muito bem — vem a Política. Opções, anedotas à mistura; e política doméstica — o princípio do fim...

Da janela aberta corre uma frescura deliciosa.

— Hoje, andei todo o santo dia a arrancar batata. A reforma não é grande, como sabes. Temos de esfolar!

Prosegue o homem das batatas:

— Conheces a minha casa. Sabes do sacrifício que me deu prá levantar! Quando ia em viagem, cingia-me ao caldinho. De casa, levava couves, adubo, cebola, batata. Foi assim, tirando à boca, q'a levantei.

O problema da habitação veio ao de cima — nu e cru. Poucos, como os auto-construtores, têm uma opinião válida, uma palavra a dizer sobre o assunto. Eles sofreram, sofrem, na sua carne, um conjunto de deficiências, carências, omissões, desmandos, negligências que nunca deveriam ter existido!!

— A planta foi uma **fortuna!** E o tempo que demorou a ser aprovada na Câmara?! Depois, as licenças; tive de renovar a licença mais do que uma vez. Porquê?! Não há direito... Em vez de ajudar, sugaram o meu suor.

O companheiro do lado acrescenta: — Sugavam mas era a nossa vida. Fomos uns sacrificados.

A conversa prolonga-se na descrição do esforço heróico do levantamento da casa: as horas livres, os dias de folga, as noites, os alicerces, os baldes de massa, a pedra, os tijolos, os carros, a telha, as pinturas, o dinheiro — a moradia completa.

— Estás a ver — dizia o mais novo — estás a ver como, se nos ajudassem, poderíamos todos ter a nossa casa...?

Replica outro: — Se todos déssemos as mãos, acabaríamos as barracas. Era só juntar trolhas e pedreiros e carpinteiros, quem quisesse dar o corpo ao manifesto — nas horas vagas. Uns trariam os outros. Mas isto

obrigaria a uma organização bem montada. Desapareceriam as barracas. E até se acabaria com a porcaria das **ilhas** no Porto.

Estávamos a chegar à cidade. Ao fundo, passa o Douro, calmo e sereno. Avista-se uma parte do Barredo. Vejo os **barredos** da cidade, os sub-alugas, o comércio negro da habitação, as colmeias humanas — a vergonhosa tristeza do nosso mun-

do, a caminho do século XXII!... E sinto, como eles, a mesma angústia por ver desaproveitada, até nas horas vagas (sabe Deus como!), a valiosíssima participação de mão d'obra, especializada ou não, que seria a directa beneficiária — numa verdadeira escola cívica de educação e participação política. O Mandamento Novo, afinal!

Júlio Mendes

## RETALHOS DE VIDA

### O «GRILO»



Amigos leitores, vou escrever uma crónica da minha vida. Nasci em 18 de Janeiro de 1960 em Ilhavo.

Eu morava na Gafanha da Nazaré junto dos meus irmãos, que são mais pequenos do que eu. A minha mãe e o meu padrasto vivem junto deles.

A razão porque estou na Casa do Gaiato é a seguinte:

O meu padrasto dizia que eu não era filho dele, tendo-me até muitas vezes mandado embora! Ele não era desses que ia para as tascas tomar a **cartola**. Ele é que sabia a razão porque me mandava embora...

Eu pouco ligava ao que ele me dizia, mas aproveitando-me disto fugia de casa, ainda por cima. Sempre que fugia, a minha mãe tratava logo de saber onde eu estava; mas ele não.

Depois de me habituar a isto ninguém me encontrava em casa. Após uns anos sempre nesta vida, chegou o fim de eu andar a **veranear**.

A minha mãe, como queria acalmar-me, foi ter com uma senhora que é assinante de «O Gaiato». Contou-lhe a história, que, aliás, ela já sabia, e procurou arranjar que eu viesse para aqui. Então, vim para a Casa do Gaiato em 1969 com 9 anos. Andava na 2.ª classe e já tinha reprovado um ano na 1.ª porque também não aparecia à escola. Nos primeiros dias andava desconfiado, mas agora sinto-me bem e acho que aqui é mais tranquilo do que andar na triste vida.

Tenho 14 anos e fiz o Ciclo Preparatório TV. Trabalho na limpeza da casa-mãe. Agora, sou vendedor de «O Gaiato» em Amarante e tenho muitos amigos nessa vila.

E aqui acabo um retalho da minha vida, com um abraço do vosso amigo

Luís Gonzaga Martins («Grilo»)

# Reflectindo

Vi há algum tempo um pequeno filme francês que mostrava através de imagens cheias de poesia, os cuidados de uma mulher bastante idosa por uma planta posta por ela num vaso. Essa planta era a única expressão viva dentro da solidão dessa mulher — sabia a quantidade de sol necessário para o bom crescimento das folhas; ao levantar-se a sua atenção ia em primeiro lugar para o vaso; e para ele era o seu último olhar antes de adormecer. Chegou ao ponto de não ir à rua sem levar a planta dentro de um cesto.

Esta história ilustra bem a necessidade profunda que os seres humanos têm de se entregar, de se darem, de amar. Dizemos todos que os homens são egoístas (aliás esta é uma verdade muito fácil de comprovar ao longo da vida), mas eu diria que o egoísmo tem raízes mais superficiais no homem, e mais facilmente portanto se revela. O altruísmo tem raízes mais profundas, mais fortes, mas muitas vezes adormecidas pelo gosto do mais fácil, pela fuga aos riscos inerentes a um empenhamento com os outros e por muitas outras razões.

Continuando a pensar neste assunto, podemos afirmar sem qualquer medo de errar que muitas pessoas ultrapassam a sua vida sofrendo dolorosamente, por não porem a render a sua capacidade e necessidade de se darem aos outros. Simultaneamente, (também sem qualquer receio de erro) coexistem, nesta mesma terra onde se desenvolve a nossa vida, um sem número de irmãos que precisam de quem lhes dê a mão, de quem os ampare e lhes dê o sol necessário, de quem receba os seus risos e limpe as suas lágrimas. Porque continuam separados, sofrendo cada um por seu lado — os que sentem a vida inútil, vazia,

sem sentido e por outro lado os abandonados, os fracos, os doentes, os Pobres. Parece-me que é preciso juntar estes dois grupos de pessoas. Pensemos todos nisto porque não é fácil resolver o problema.

O homem é um mistério cheio de contradições, e não é levemente, sem atender ao seu ser global, que ele consegue encontrar uma resultante positiva de todas as forças que o impelem. Por isso, todos precisamos de verdade dentro de nós para procurarmos os caminhos que nos permitam ser felizes e ajudar os outros a sê-lo também.

S. Paulo diz que os homens têm dons diferentes e que a construção do Reino necessita que cada um ocupe o lugar a que Deus o chama profundamente. É pois necessário que cada um descubra o seu lugar, que nos ajudemos uns aos outros a descobri-lo.

Dentro da Obra da Rua estão muitos irmãos que precisam do calor daqueles que sintam em si necessidade de se darem, de encontrar sentido para as forças de bem que os habitam, forças essas que gritam por serem postas a render.

Voltarei a este assunto. Hoje quis trazer aqui este ponto de reflexão que continuarei a trabalhar dentro de mim: Temos que juntar os que têm força e necessidade de amar com os que estão em situação humana de carência de amor. Para que uns e outros sejam mais felizes.

# HABITAÇÃO

## — PROBLEMA PRIMEIRO

Cont. da PRIMEIRA página

Por isso dizia que a solução de «Barredos» e «Curraleiras» fora d'ali é um remendo no problema — tanto que faz hesitar os seus moradores sobre a vantagem de morar longe em melhores condições em relação a permanecer ali, naquelas precaríssimas que conhecemos e muito têm sido divulgadas recentemente.

Mas não só! A nota relevante de choque é exactamente o atentado à unidade social que deve procurar-se numa sociedade orgânicamente diversa, mas que há-de estruturar-se no respeito mútuo de uns pelos outros, nascido da consideração da necessidade de todos para a realização

do Bem-comum que a todos interessa.

A própria construção entremeadada de casas para ricos e pobres trará os excessos sumptuários dos primeiros em proveito de uma tendência homogeneizante, que produzirá nos segundos, sem qualquer confusão com luxo, a presença de todas aquelas comodidades essenciais que hoje são timbre de um padrão de vida simplesmente civilizado.

Mas acima destes aspectos mais materiais avulta a maior possibilidade de um encontro entre níveis culturais diferentes, de modo a subir-se o nível médio da educação, impossível com a mera transferência da barraca ou da «ilha» para um bloco ra-

zoável, onde permanecem por muito tempo os mesmos costumes sub-humanos, o mesmo teor de vida sub-desenvolvido.

Não queremos absolutizar, mas cremos que o quebrar deste critério discriminatório na urbanização, é instrumento válido ao serviço da educação nacional.

Gostaria agora de aduzir aqui trechos de Pai Américo onde esta doutrina foi, tantas vezes, tratada. Falta-me o tempo para procurá-los. Mas quem conhece o seu pensamento, no saborear em pequeninos golos dos seus escritos, decerto recordará páginas cheias de beleza, em que ele projectava uma *cidade nova* a construir pelos homens inspirados pelos critérios da *cidade de Deus*.

